



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO 43 LISBOA

# Contra o consumo da electricidade



Da multidão que cerca o poste da iluminação elétrica:

— Que está você a fazer, aí empoleirado?

O polia:

— A soprar a luz, por causa da *inconomia* no cravão...

## PALESTRA AMENA

## O anuncio

Confessamos que somos pessoas de uma extrema boa fé, absolutamente incompatível com a felicidade, no estado atual da sociedade bem organizada; chega essa boa fé a roçar de vez em quando pela burrice, levando-nos a armadilhas que não iludiriam uma criança. Mas confessamos também que a nossa credulidade tem perdão, porque não raramente o laço é tão bem armado que outros, mais inteligentes do que nós, n'ele se deixariam prender.

Agora mesmo acabamos de ler de fio a pavio o anuncio d'uma sapataria, que, para chamar a atenção dos freguezes, fez inserir nos jornaes algumas linhas que começavam assim: «*Concluiu-se a paz entre os aliados e os imperios centraes*», terminando por dizer que o kaiser, de acordo com o presidente da Republica franceza e com o tzar de todas as Rus-ias, tinha resolvido comprar o calçado na rua Augusta, numero tal. Caímos como patinhos e jurámos não cair para a outra vez, mas igual juramento temos feito centenas de vezes para o quebrarmos na primeira ocasião.

Não condenamos os anunciantes que se servem d'estes meios para atrair concorrência ou, pelo menos, para conguir em que lhes leiam os arr zoados. O sistema veio dos Estados Unidos da America do Norte e parece que é bom, porque aquele paiz nada em tanta prosperidade que nem sabe o que ha de fazer ao ouro que lá tem em excesso, como se fôsse difficil encontrar quem lhe fizesse o favor de o aceitar. De modo que, embora a indole dos povos varie com as latitudes, não vemos razão de mais para que as mesmas causas não produzam entre nós os mesmos efeitos, e sendo estes o desenvolvimento do comercio, nada temos a opôr.

Permitimo-nos, comtudo, dizer que para elaborar anuncios d'estas e d'outras especies, é mister dispôr de talento não só comercial mas literario, além de bom senso; de acordo que se aproveitem os acontecimentos de atualidade para prender a atenção do leitor, mas repare-se em que nem todos os acontecimentos se prestam a esta chalaça e que o anuncio, pela redação, não deve repugnar ao bom gosto. N'este ultimo ponto dirigimo-nos especialmente aos autores dos anuncios em verso: não ha duvida de que os gabões do sr. Clemente, por exemplo, podem inspirar um poema; mas cantados em versos de pé quebrado não é provavel que venham a ser adquiridos por quem preze as belas letras nacionaes.

Mas isso é o menos; mais ou menos literatura não é o que afastará freguezes. Ao que nos queremos referir, com o carater de generalidade que o caso requer, é a certos anuncios que aí appareceram ha pouco e que aproveitavam os crimes de abortos e de esquarteramentos de crianças recém-nascidas: começavam por dizer que tinha apparecido em tal sitio um braço, noutra uma perna, acolá uma cabeça... Por fim,

tratava-se de reclamar uma pomada para tirar calos.

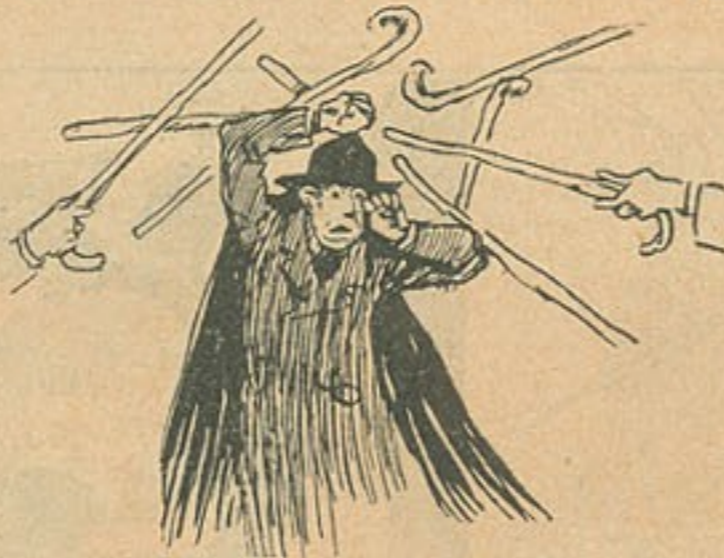
Pois na verdade vos declaramos que por muitos e dolorosos calos que tivéssemos não eramos nós que punhamos os pés em casa do anunciante, a não ser para os applicarmos na parte posterior da sua es upida pessoa, que nos obrigou a ler o anuncio até o fim. Apre, que desabafámos!

JOSÉ NEUTRAL.

## Protesto

A esta hora é do dominio universal que um tal sr. Alfredo Pimenta, escritor publico, apanhou uma grande sova do sr. Queiroz e que o facto foi celebrado em muitas gazetas com uma alegria canibalesca.

Não temos procuração do sr. Alfredo Pimenta, não o conhecemos nem de vista e não sabemos as razões da tosa, porque nunca lemos a prosa do dito sr. Pimenta. Entretanto, na nossa missão de defender os fracos, aqui protes-



tamos e abrimos uma subscrição a fim de fornecer ao agredido a medicação necessaria não só para as contusões já recebidas, mas para as que venha a receber—ou seja, o dinheiro suficiente para 5 litros de tintura de arnica e 10 metros de adesivo.

Esperamos que os nossos leitores, apesar de assoberbados pela actual carestia dos generos, acorram ao nosso apêlo, para que se não inutilise, pelo amachamento, tão importante personalidade como a do sr. Pimenta. Iniciamos a subscrição:

Seculo Comico..... 2 centavos

## Conto de janeiro

A *Camelia* tinha pelo *Veludo* visível predileção, que se manifestava sempre que este apparecia á janela do predio fronteiro, não só em olhares, mas em significativos *miaus*. Durava aquilo havia uns seis mezes, isto é, desde o dia em que a *Camelia* avistou o *Veludo* pela primeira vez: aquele grande ar do gatarrão, espreguiçando-se indifferente no parapeito, o seu olhar piscos e sonhador, a elegancia com que encaracolava a cauda, tudo isso conquistára rapidamente a gatinha, que andava anciosa por conhecer o *Veludo* de mais perto.

Mas como, se tanto a dona da *Camelia* como a do gato, tinham encarcerado os dois bichos e sobre eles exerciam feroz vigilancia? O *Veludo* nunca tentára pôr as patas fora da

porta, mas a gatinha atreveu-se um dia a isso e como consequencia tinha apanhado duas tão fortes sapatadas da



dona, que por muito tempo não lhe ficára vontade de repetir a experiencia.

No presente janeiro, porém, a sua paixão chegou ao auge. O *Veludo* ostentava-se tão atraente, com tão graciosos e nobres movimentos, tão adiposamente convidat vo, que a *Camelia* resolveu arriscar-se a tudo para conseguir uma entrevista: uma hora de amor vale bem um par de sapatadas!

Ha dias teve ensejo de pôr em execução o seu projeto. Apanhou a dona entretida e ela aí vae surrateiramente até á porta da rua, providencialmente aberta...

Não se demorou, porém. Entrara em casa do *Veludo*, aproximara-se d'ele amorosamente, mas o maroto recebera-a ás unhas, bufando, contra o roçar confiado a que a *Camelia* se havia atrevido.

Regressou, a infeliz, e resignadamente recebeu a sova da dona, que repetia a cada chinelada que lhe dava:

—Toma! toma! O que eu devia era mandar-te castrar, como a vizinha fez ao *Veludo*!

Tareco Junior.

## A censura

Uma nota officiosa avisou os jornais de que de futuro a censura só se exercerá contra o que prejudique a nossa preparação militar ou contrarie a nossa intervenção na guerra.

No proprio dia em que a nota foi distribuida aos jornais estes começaram a respirar desafogadamente, a ponto de um d'eles dizer que tem sido vitima ou do acinte da censura ou de uma insanía que entra nos dominios da patologia.

Ora até que enfim já se pôde chamar á vontade patife ou maluca a uma pessoa!

## Velhas anedotas

Lamentações d'um sujeito casado á consorte:

—Olha, filha, se eu fosse solteiro tinha prégos de ouro, mas como casei contigo tenho o ouro no prégo.

## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Crida amétade:

Ai, filha! quem viu u cinhor Ferreira da Silva i quem o vê! Alembreste d'aquela unhas de fome, que não dava sinco réis pra mandar cantar um sego? Pois dênes que le deu para a fed lgarria i ce fez *Ultemo cenhor de S. Jião*, prantouce a dar ismolos prá di èta i prá isquerda, a atirar cu din êro pella jinela inté que ficou pob e cumo Jô, a pontos de ter de ir viver pra casa da Barbra i ma'a a Luz Velosa, cumo sa quela prove cinhora nan tivece já que çustenta o Tiadoro i de le pagar os istuidos in Coimora!

Infin, cempre faz pena a uma peçoaver um ome cair acim na misera. Tamem concurreu munto pró a ruinar dar chazes toudas a noites a 4 peçoas entre elas ó sr. Xabi, caquilo çó em açucre para cada xicra gasta pra ribadum quilo.

A perposito de Xabi: quem haverade dezer cu sr. Ferreira devia a este vinte contos de réis i que pur coad'ição é que se haverade arruinar? Pois deve, ó antes devia, porque u sr. Ferreira intregou-lhe a casa de S. Jião i agora o sr. Xabi i o filho Grave lá istão de poce d'uma bela muvilia, d'um



bunito pano de fundo pintado pelo Marguilião i duns poucos de retratos de antepaçados do sr. Ferreira.

Ora touda esta desgrassia ce tinha invitado, ça sr.<sup>a</sup> Luz Velosa casaçe com o Grave i não com u Tiadoro. Mas porque dianho nan quer ela? Já tem casado com tanta jente que mais um menos um nan me parece que lhe fizesse difrença á fedalgaria da familia. Ós pois, u Grave cempre é mais ome cu Tiadoro, canda a finjir de teso com u Grave mas que cês e le déce um murro, istás a vê, ó Zefa!

Agora voute dezer que quem descubriu na Beira touda esta familia foi o sr Bisente Arenoso, um caxopinho munto cinpatego, que carrega nus erres i dá abrassos a touda a jente, a modos de quem pede isculpa de cerconde. E' um cintimental, como çá dizem in Lisboa, mas no fundo nan decha de ter bom cenço, como ce vê pur esta plada cu Xabi larga na peça:—Tanho dois filhos candam nos estuidos; um ficava cempre bem dos inzames i u outro cempre reprovado. Vai eu antão arresolvi cu que era bom istudante i inteligente nan istudace mais i vinhece pra casa tumar conta na minha loje; i



## O REI DA GRECIA

Ou tem areia vossa magestade  
Ou é um fraco rei n'esta emergencia  
Em que é precisa rara competencia  
Além de tino e força de vontade.

Dizem que a sua belica metade  
E' que é autora, emfim, de tal demencia;  
Então, caro senhor, tenha paciencia  
Mas é parvo de todo, a ser verdade.

Reaja, que diabo! Vida nova!  
Não vê que d'esse modo se amesquinha,  
Que todo o mundo tais ações reprova?

Não se faça palerma nem chóchinha  
E, se é preciso, aplique-se a sova  
No roseo assento da gentil rainha!

.BELMIRO.

cu istupedo continuasse os estudos.

Oje o istupido é delegado i eu é que tanho de le mandar dinheiro pró çustento; o que nan ceguiu us istuidos istá rico.

Ora com isto é que ce fazia uma pesa bem vòã i conselho u sr. Bisente a que a fassa ce quer que u apelauda mais uma vez u ceu amigo i teu marido cempre fiel i imprasial ca vida te desija an cumpanhia de quem mais istimares.

Jerolmo

Emprezario do Paulltlama  
de Peras Rulvas

## Tres obras notaveis

Temos hoje a dar aos leitores uma noticia que os vai encher de felicidade: o illustre poeta e dramaturgo sr. José Nunes da Mata acaba de lançar á publicid de tres folhetos em verso, intitulados *A' guerra pela paz e pela liberdade*, *A's armas cidadãos*, *correi ás armas* e *O amor e o trabalho*.

Este ultimo, por ventura o de maior folego dos tres, segundo as palavras do autor, constitue os dois primeiros capitulos de um projetado livro em verso com o titulo *Um passeio pelo mundo*. Infelizmente, esta esperanza dada na capa, desaparece no prefacio, pois que Nunes da Mata declara aí que "como só faz versos quando na ocasião não tem nada que fazer ou quando cáidoente na cama, é de supôr que nunca o livro seja concluido".

Penalisa-nos enormemente, a bem da literatura patria, que o eminente poeta tenha sempre que fazer e logre uma saude de ferro, mas resignar-nos hemos tanto mais que os dois capitulos publi-

cados são já uma verdadeira maravilha e encerram uma lição em extremo proficua Um dos capitulos é dedicado ao *Amor* e o seu fim principal—tambem palavras do autor "é estigmatizar os excessos e despropositos do chamado amor, que, na maioria dos casos, não passa de excitação nervosa e lascivia propria e alheia." Bastava pois, tal capitulo, para perdoarmos a Nunes da Mata o não escrever mais nada, apesar de já andarmos ha muito desconfiados de que o amor é uma cobiça.

Vê-se que tinhamos razão quando tal supunhamos.

## Livros, livrinhos e livreços

*Sorhos de beleza*, por Alfredo Pinto (Sacavem).—Sob esse titulo reuniu o autor algumas das suas interessantes conferencias de arte, nas quais se manifesta critico de rara cultura, principalmente em assuntos musicais. E como, para impôr o seu modo de vêr, dispõe de estilo facil, colorido e atraente, os *Sorhos de beleza* terão logar escolhido nas estantes de todas as pessoas de bom gosto, que o hão de reler muitas vezes quando o espirito lhes peça um repouso consolador para criar novas forças na luta quotidiana.

## Os conquistadores

Telegramas do nosso correspondente em Paris:

Paris, 5.—Chegaram officiaes portuguezes. Apesar da fadiga da viagem logo na primeira noite começaram a exercitar-se na ofensiva, prestando se gentilmente muitas damas a figurar de inimigo.

Paris, 7.—Da parte do inimigo a resistencia tem sido debil, porque a ousadia guerreira dos portuguezes é de



uma violencia aqui desconhecida. Espera-se para breve o primeiro contacto.

Paris, 9.—Realisou-se já o primeiro contacto. Portuguezes apoderaram-se de todas as trincheiras. O fingido inimigo lançou-se-lhe nos braços, entregando-se. Mais de mil corações prisioneiros.

Paris, 12.—Partiram alguns officiaes para *le front*. Os *boches*, sabendo das proezas d'estes em Paris, resolveram não opôr nenhuma resistencia. O alto comando militar francez declarou não necessitar de todos os portuguezes nas linhas de batalha; muitos ficarão em Paris, para se evitar o decrescimento da população. Viva Portugal!

# O remorso ou as botas do Quim

(CONTINUAÇÃO)



1.—Reconhecendo o Manecas, que ele e Quim tinham praticado uma feia ação não pagando as botas, aconselha o Quim a que se desfaça d'elas.



2.—O Quim segue os sábios conselhos do mano e dá as botas ao primeiro petiz descalço que encontra.



3.—A caixeira da sapataria em busca do ladrão das botas, reconhece as nos pés do pequeno mendigo e manda-o prender.



4.—É julgado o infeliz, como ladrão das botas e em vão tenta defender-se.



5.—Pelos jornaes, o Quim sabe do engano da justiça e qual outro João Valjean, apresenta-se no tribunal e confessa que é ele o criminoso.



6.—É absolvido, graças à sua pouca idade e ao seu bonito proceder salvando um inocente. Os dois manos abraçam-se comovidos e prometem nunca mais praticar senão boas ações—como se verá.